

A IMPORTÂNCIA DA PERCEPÇÃO MUSICAL BÁSICA PARA ALUNAS DE DANÇA IRLANDESA

Tamara Delicato

RESUMO

A dança irlandesa no Brasil ainda é pouco conhecida e divulgada, não apenas pela complexidade dos seus passos e a alta exigência da coordenação motora e agilidade, mas pela dificuldade de encontrar profissionais formados na área, com competência para ministrar aulas com a qualidade exigida. Contudo, observa-se que os bailarinos, mesmo com toda dificuldade para realizar a dança irlandesa, se encantam e buscam aprendê-la. Igualmente, muitas pessoas, quando a conhecem não permanecem nas aulas pelas dificuldades nela encontrada. Diante do exposto, o objetivo deste estudo é analisar se com uma noção básica de musicalidade o aprendizado pode ser facilitado. Assim, o ponto de partida do estudo foi a noção básica de musicalidade do músico Murray Schafer, partindo da melodia e apreciação musical.

Palavras-chaves: Dança irlandesa. Melodia. Musicalidade.

INTRODUÇÃO

A dança irlandesa de forma mais consciente, complexa, tendo como referência metodológica a percepção musical do musicista canadense Murray Schafer (1992). A partir de Schafer, delimito o tema na prática da dança irlandesa com uma nova estratégia de ensino para bailarinos e escolhi esse tema porque muitos alunos começam a prática da dança irlandesa e desistem diante das dificuldades nela encontradas. Assim, acredito que partindo de um novo modo de se aprender, ensinar, analisar, bem como ligar a dança irlandesa com a estratégia de musicalidade de Murray, pode-se melhorar o entendimento dos alunos durante as aulas e facilitar os movimentos.

Na visão de Schafer (1992), a música não somente para essa modalidade, mas para todas, é um elemento de extrema importância. Por isso, é possível aplicá-

la e mostrar para as alunas uma estratégia facilitadora no processo de aprendizagem.

A estratégia metodológica e a profundidade de Schafer (1992) auxiliam a perceber o ser humano através do movimento nos mais diversos aspectos e podem ser aplicadas nos diferentes tipos de dança. Com a estratégia de musicalidade de Murray presente nos métodos de ensino da dança irlandesa, provavelmente é possível alcançar o perfeito, o certo, o correto, a aprendizagem rápida, a execução de passos com leveza e clareza.

Parti da hipótese de que com a prática da dança irlandesa o aluno terá mais consciência do seu corpo, vislumbra-se que, nos aspectos sociais, o mesmo saberá trabalhar em grupo. Já, no que concerne aos aspectos físicos, acredita-se que ocorra um rápido desenvolvimento motor e agilidade. Igualmente, e não menos importante, o aspecto cognitivo também pode ser otimizado devido à memorização dos movimentos e a reflexão da execução deles, o que proporciona ao aluno entendimento sobre a sua própria prática. Para averiguar essa possibilidade, vou trabalhar com a faixa etária de 13 a 16 anos de idade, que segundo Gallahue e Ozmun (2003) é nesta faixa etária, que o estágio de aplicação, conhecimento do potencial motor e o interesse na prática de atividades físicas, estão em evidência.

HISTÓRIA DA DANÇA IRLANDESA

O povo primitivo iniciou a arte de dançar e a praticava em diferentes ocasiões: no período de colheitas, nos rituais aos deuses, na época das caçadas, nos casamentos, em momentos de alegria ou tristeza, ou ainda, em homenagem à mãe natureza. É considerada a mais completa das artes, pois envolve elementos artísticos como a música, o teatro, a pintura e a escultura, sendo capaz de exprimir tanto as emoções simples quanto as mais fortes. O significado da dança vai além da expressão artística, podendo ser vista como um meio para adquirir conhecimentos, como opção de lazer, fonte de prazer, desenvolvimento da criatividade e importante forma de comunicação (KEEFFE, 1995).

Através da dança, uma pessoa pode expressar o seu estado de espírito. A dança pode ser acompanhada por instrumentos de percussão ou melódicos, ou ainda pela leitura de diferentes textos. A dança teve forte influência nas sociedades

ao longo dos tempos. Como via de socialização e disseminação de cultura, proporcionou ao mundo o conhecimento sobre a diversidade cultural dos diferentes povos em todo mundo, especialmente através das danças folclóricas (FLYNN, 1998).

O início da história da Irlanda revela um constante deslocamento da população através da migração, cada grupo trazendo sua própria música e dança. Existem poucos registros escritos das danças nacionais da Irlanda nos tempos antigos. Houve uma longa tradição de música e dança que está sendo transferido por via oral e por métodos de pai ou professor (KEEFFE, 1995).

Dentre as influências mais antigas estão os druidas, que dançavam no ritual religioso do carvalho e do sol. Traços de suas danças circulares ainda sobrevivem. Quando os celtas vieram da Europa central, mais de dois mil anos atrás, eles trouxeram com eles a sua própria forma de música e danças folclóricas. Cerca de 400 anos A.C, o povo celta apareceu na Irlanda. Eles foram por pouco mais de 900 anos a grande influência na cultura irlandesa. Saint Patrick converteu os celtas pagãos ao cristianismo, através da combinação de crenças e símbolos pagãos com crenças católicas (FLYNN, 1998).

Acredita-se que um grupo de bailarinos irlandeses foi levado para dançar para a rainha. Esses bailarinos se recusaram a levantar os braços a ela, e os mantiveram rigidamente abaixados ao lado do corpo enquanto dançavam, desafiando a autoridade e, possivelmente, mostrando sua insatisfação enquanto dançavam para os ingleses. A rainha de referência é Elizabeth. Esta insatisfação se apresentava evidente, uma vez que a cultura irlandesa foi proibida pelo Estatuto do Kilkenny, no século XIV. Seu desafio seria natural, após a supressão de terem sido submetidos durante séculos. No entanto, parece estranho, considerando esta lei, que os irlandeses tivessem sido chamados para realizar suas próprias danças (KEEFFE, 1995).

Descrições iniciais de dançarinos notaram que eles estavam descalços. O *soft shoe* só têm sido usados desde 1924, no século XVI e XVII, a dança era um passatempo popular, especialmente na noite de verão e nos fins de semana (FLYNN, 1998).

Outros mitos sugerem que irlandeses freqüentavam os pubs e dançavam atrás do bar com sua parte superior do corpo em linha reta para que os ingleses não percebessem que estavam dançando. Existe ainda a versão de que eles dançavam

em seus jardins com suas pernas por trás das cercas para impedir que os ingleses os censurassem. Estas ocorrências podem ter sido misturadas ao longo dos anos ou, na verdade, terem sido confundidas com as Escolas de Hedge, que eram escolas secretas onde a cultura irlandesa foi ensinada em segredo durante a repressão (KEEFFE 1995).

Em 1893 foi criada na Irlanda-Dublin a *AnCoimisiúnleRincíGaelacha*, uma comissão de professores formados em dança irlandesa que teve como objetivo a promoção de todos os aspectos da cultura irlandesa. Suas principais preocupações foram com a linguagem e a literatura irlandesa. Essa comissão é responsável pelo julgamento de bailarinos em uma *Oireachtas*, que se refere a uma competição anual de dança irlandesa. A palavra "*Oireachtas*" literalmente significa "reunião" (WHELAN, 2000).

A *Oireachtas* é uma competição de dança irlandesa individual ou em grupos na qual os grupos disputam apenas na categoria 'dança de figura'. Participam milhares de bailarinas e bailarinos do mundo todo. Eles são divididos por idade, sexo e nível de conhecimento. As nomenclaturas dos níveis variam por haver países e regiões diferentes. As competições são feitas entre dois competidores a três dançarinos ao mesmo tempo, que serão julgados para ver quem dança com maior perfeição (KEEFFE, 1995).

Para a maioria dos bailarinos a primeira competição é um evento pequeno com apenas os membros de sua própria escola de dança. Enquanto a 'feis' é executada na mesma regra como qualquer outra competição; geralmente, é um dia divertido e também é uma ocasião social para os pais e os dançarinos igualmente (FLYNN, 1998).

A classe é uma "*féis*" normalmente realizada antes do Natal ou durante as férias de verão. Em eventos das danças de solistas, os dançarinos competem em um dos quatro níveis, dependendo de suas habilidades, e o que eles ganharam prêmios em competições anteriores. Dentro de cada um destes quatro níveis, as competições são divididas em faixas etárias (KEEFFE, 1995).

As competições de dança são julgadas por juízes, que avaliam os bailarinos em tempo (ritmo), transporte (comportamento), construção de etapas (complexidade) e a apresentação em si (WHELAN, 2000).

Como toda arte, a Dança Irlandesa já teve ou ainda tem suas modificações, aperfeiçoamentos e interferências. Um dos responsáveis principais dessa

contemporaneidade e mudanças da dança irlandesa é Michael Ryan Flatley, nascido em 1958, em Chicago, Illinois. Com 11 anos, ele foi obrigado a frequentar as aulas de dança irlandesa pelos pais. Foi o primeiro americano a vencer o concurso de dança irlandesa *All-Ireland World Championship* (WHELAN, 2000).

Michael manteve a estrutura básica e o espírito da dança irlandesa, mas também incorporou novas e emocionantes idéias que ajudaram a tornar a dança menos rígida. Acrescentou alguns movimentos com braços (o que na dança irlandesa tradicional é inaceitável) e ritmos excitantes para os passos tradicionais, que tinham sido dançados ao longo dos séculos. Ele é responsável pelos shows: *Lord of the Dance*, *Celtic Tiger*, *Riverdance*, e *Feet of Flames*. Outro show conhecido mundialmente é o *Riverdance*, produzido pelo irlandês Bill Whelan. Nesse show, as tradições e culturas da dança irlandesa não foram totalmente perdidas ou modificadas (BRENNAN, 2001).

A dança irlandesa no Brasil começou em 1998. Foi trazida pela profissional Claudia Gonçalves. Ela morou cinco anos na cidade de Nova Iorque onde aprendeu essa dança com Mary Beth. Mary Beth que é uma americana casada com um irlandês onde com seu marido aprendeu a dança. Ela já fez aulas com vários mestres dessa dança como bailarinos do *Riverdance* e do *Lord of the dance*. Ela ministra aulas na “steps” uma famosa e requisitada academia de dança de Nova Iorque (GONÇALVES, 2019).

Claudia Gonçalves trouxe essa dança primeiramente na academia Laura Moechackel. Deu muitos workshops pelo Brasil em muitas academias, foi em vários programas de televisão, em muitos concursos de dança famosos apresentou essa dança como novidade e foi a primeira pessoa a levar essa dança para competições no Brasil (GONÇALVES, 2019).

A única escola de dança que havia dança irlandesa no Brasil era a Phoccus cia de dança. Ao decorrer dos anos com Claudia Gonçalves dando aulas em muitas cidades, a procura foi aumentando. Logo foram se formando professores por diversos lugares no Brasil. Hoje a região de São Paulo é a que mais tem professores nessa área. Em outras regiões como Sul, Nordeste, ainda não existe nenhum profissional e nenhuma academia de dança que ofereça essa modalidade que ainda é pouco conhecida e pouco explorada pelos bailarinos (GONÇALVES, 2019).

Outra figura importante da dança irlandesa no Brasil é a Fernanda Faez diretora e professora da academia Banana Broadway de Campinas. Ela é uma

profissional que estudou esta dança na Irlanda com profissionais de importantes nomes de lá, e é formada pela *The Irish Dancing Commission* a maior comissão de dança irlandesa em Dublin, Irlanda (GONÇALVES, 2019).

PAISAGEM SONORA

Primeiramente para começarmos a falar sobre paisagem sonora que é um termo que o Schafer criou, e entender o que é e o seu conceito, vamos conhecer um pouco da história de Schafer e quem ele é. Schafer é um compositor nascido no Canadá, ele realizou vários estudos sobre a educação musical e escreveu muitos livros sobre o assunto. Ele se dedicou ao ensino ministrando cursos pelo mundo, sempre acreditou que a qualidade da audição é a base para uma boa educação musical. Ele também acredita que dentro de uma sala de aula de música, os alunos têm a liberdade de testar os sons que ele desejar e ele mesmo criar a sua própria música (SCHAFER, 1997).

Para entendermos melhor o conceito de paisagem sonora, precisamos primeiro compreender o significado de melodia. A melodia é uma seqüência de sons em intervalos irregulares. A melodia caminha por entre o ritmo e, normalmente, é a parte mais destacada da música, é a parte que fica a cargo do cantor, ou de um instrumento como saxofone, ou de um solo de guitarra, etc. Sempre que ouvir um solo - notas tocadas individualmente - você estará ouvindo uma melodia (SCHAFER, 1992).

Paisagem sonora segundo Schafer (1992) são aqueles sons que compõe um determinado ambiente, como por exemplo, quando estamos fazendo uma trilha, podemos escutar o som dos pássaros, do vento entre as árvores, ou quando estamos no escritório trabalhando, em nossa volta podemos ouvir os sons dos carros dependendo do lugar em que você trabalha você pode ouvir as motos, o vizinho conversando com alguém, etc. Ainda segundo Schafer, (1992) a paisagem sonora é composta por três camadas: figura, fundo e campo. A figura seria aquilo que a sua mente ou seu estado de espírito quer ouvir ou ver primeiro, é o principal. O fundo é aquilo que está completando ou podemos dizer em segundo plano o seu foco principal, ou seja, a figura. E o campo é quando o fundo e a figura se encontram. Um exemplo disso é uma janela, se eu estou andando na rua e vejo uma

janela e tem alguém dentro dessa casa fazendo alguma coisa que me chama a atenção eu vou olhar para aquela pessoa. Essa pessoa se torna a figura. E se você observar naquela mesma janela tem o meu reflexo nela, ele se torna o fundo. E a mistura meu reflexo com a pessoa dentro da casa se torna o campo (SCHAFER, 1992).

APLICANDO A NOÇÃO MUSICAL

Quando associamos a educação musical com a dança irlandesa, acredito que posso melhorar a prática do dia a dia nas aulas. A musicalidade básica conforme vimos com Schafer (1992) pode nos dar mais sentido para aquilo que executamos e ouvimos, pois o som do sapado, nada mais é do que um instrumento musical nos pés de uma bailarina. Quando pensamos na melodia da música que iria dançar podemos perceber que temos mais facilidade em executar os movimentos, tudo fica mais claro. Basta decorar a melodia, que os passos vêm à cabeça sem, ao menos, se mexer. Pensando no que a música transmite e o que ela representa: alto, baixo, grave, agudo, feliz, triste, rápido, lento, o que a melodia daquela música faz com o nosso corpo, acredito que o bailarino pode ter mais facilidade e as aulas fiquem mais fáceis e os movimentos fluam (SCHAFER, 1997).

Na dança irlandesa existem muitos ritmos, músicas contadas em seis tempos e até no tempo mais comum na dança: em oito. Aplicando as aulas de dança irlandesa e a noção do que é melodia que o autor de base Schafer nos deu para os alunos, passar para eles percussão corporal pode ajudá-los a entender o sentido da música naquela coreografia. Ao aluno pensar na melodia, concentrar-se e estudar com calma e apreciar cada detalhe, a intenção é que a facilidade de executar e decorar os passos apareça o mais breve possível (BRENNAN, 2001).

Na técnica de “*hard shoe*” conforme Flynn os movimentos são totalmente musicais. Nossos pés são uma orquestra musical, e que todas as alunas devem fazer exatamente o mesmo barulho enquanto dançam, deixando assim a música que fazemos com os pés, agravável e com muita sintonia que segundo Schafer é o essencial para que qualquer som seja agradável. Durante as aulas de dança irlandesa, pretendo trabalhar o silêncio, pois, como cita Schafer (1992) “o silêncio é a característica mais cheia de possibilidades da música” e isso pode fazer com que

as minhas alunas entendam o que os pés delas provocam em uma sala de aula pequena. Pedindo para que elas fechem os olhos na hora de executar os passos e escutassem o som das amigas juntamente a elas que também era parte da pequena orquestra, acredito que posso facilitar o aprendizado e deixar elas com mais consciência do movimento e principalmente, com o ouvido afiado (SCHAFER, 1997).

Vou levantar a seguinte questão em sala de aula: vocês estão gostando do que estão ouvindo? Está uma melodia agradável de ouvir? Portanto, transmitindo para as alunas a vivência da musicalidade e o efeito que ela faz e trás para nós, dessa forma, elas podem imaginar a teoria na hora da execução aos passos. Acredito que se pedirmos para elas fazerem a percussão corporal, pode melhorar a forma de decorar os sons e efeitos dos passos. Os movimentos em si da dança irlandesa são todos rítmicos, todos devem ser bem marcados e feitos com clareza. Ao se pensar na música da coreografia a ser apresentada e ao imaginar seus passos, a possibilidade de o movimento ficar mais simples quando executado, isto é, na prática, é grande (SCHAFER, 1992).

METODOLOGIA

A metodologia usada neste trabalho será a pesquisa narrativa, A pesquisa narrativa já sabe que está sendo bastante utilizado no campo educacional (CONNELLY, 2011). A escolha desse tipo de trabalho surge do interesse de entender melhor o processo de aprendizagem das alunas. Participaram da pesquisa 14 voluntárias apenas do sexo feminino, com idade entre 13 e 16 anos.

Para participar as voluntárias não precisavam ter um conhecimento de ambas às áreas, tanto da pratica de dança irlandesa quanto da metodologia de Schafer (1992). As aulas ocorreram na academia de dança *OnBroadway* duas vezes na semana com duração de 50 minutos cada aula.

No final do estudo apliquei um questionário sobre o que elas acharam de aplicar as metodologias de Schafer (1992) nas aulas de dança irlandesa e se isso as ajudou na maneira geral, que foram essas perguntas: Vocês pensaram na percepção musical quando executavam os movimentos? Fez alguma diferença em pensar e não pensar? No que ajudou você com as noções básicas de percepção

musical? O objetivo dessas perguntas é verificar se a noção básica de musicalidade ajudou de alguma forma nas aulas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Estudando então sobre a dança irlandesa segundo vários autores, não encontrei nenhum que relacionasse a percepção musical com a dança irlandesa e sempre percebi que as alunas vinham até mim sem noção nenhuma de musicalidade, ritmo, então surgiu à idéia de unir a dança irlandesa com o Schafer e testar com minhas alunas no cotidiano delas para ver se havia alguma melhora no aprendizado.

Comecei meu estudo com as minhas alunas, na primeira aula falando para elas o que ia acontecer, contei sobre Schafer e suas metodologias e apresentei para elas as teorias aqui citadas. Com esse conhecimento comecei a aplicar a prática, fazia exercícios de ritmos, brincava com as músicas celtas (que afinal não são nada fáceis de ouvir), fiz jogos e brincadeiras com a questão das três camadas, criei com elas seqüências de percussão e também fiz com que elas criassem a própria. Os resultados foram aparecendo logo nas primeiras aulas, percebi então que com a noção básica de musicalidade ajudava em todos os sentidos, tanto com a técnica de *hard shoes*, como na técnica de *soft shoes*.

Pedia para que elas contassem as músicas no tempo tanto de oito quanto as músicas de seis tempos, no início na primeira música que pedi para que elas fizessem isso, elas tiveram muita dificuldade, já no meio do estudo pedi para que elas fizessem a mesma coisa, com a mesma música e elas já estavam surpreendentemente melhores e no final do estudo fiz de novo e o ouvido delas estava afiadíssimo.

Em todas as aulas desde o começo da minha pesquisa eu fazia o questionário com elas, no final de todas as nossas aulas, sentávamos em roda e sempre fazia as mesmas perguntas, aquelas do questionário já citado à cima. No começo as respostas eram vagas, elas não sabiam muito a diferença que estava fazendo ou que iria fazer, mas depois foram ficando cada vez mais interessantes as respostas. Uma aluna fez um relato interessante:

Tia, antes eu não conseguia ouvir a música enquanto eu dançava, a música estava lá somente de enfeite, eu concentrava somente na minha execução e na vontade de acertar esses passos, mas quando você começou a passar as atividades com músicas, agora eu consigo ouvir ela e ela não está de fundo, pelo contrário, ela está bem dentro do meu coração, como se o meu coração tivesse fazendo a batida exata da música.

Assim como essa aluna, todas as outras deixaram de não escutar a música enquanto dançavam se sim sentir a música e entender que ela faz parte de um todo, ela faz parte da execução dos movimentos e principalmente da coreografia. Então com relação a aprender, vivenciar a percepção musical antes, depois, durante as aulas de dança irlandesa houve diferença significativa no aprendizado delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades propostas através da musicalidade básica, a apreciação da música na aula antes de dançar consegue desenvolver no aluno a imaginação da dança por meio da apreciação musical. Compreender a música sem aspectos técnicos musicais complexos ajuda no desenvolvimento da coreografia e no ritmo. Permitir e promover o conceito de melodia nas aulas contribui para melhores estímulos e descobertas.

Concluo que a dança irlandesa tem muitos aspectos que envolvem o bailarino, como a música, a sua tradição, técnica e linhas. Então, percebe-se que o aprendizado deve estar relacionado à pesquisa teórica e prática, e que os bailarinos precisam de uma noção musical para melhor entendimento e assimilação. Relacionando ambos, os alunos precisam de um trabalho de musicalidade que irá ocorrer junto ao próprio treinamento, que pode se dar de várias formas, dentro do ensaio, depois e até mesmo antes dele. Os alunos precisam de uma percepção básica da música para melhor facilidade dentro de aprendizados mais específicos como o aqui descrito e explorado.

REFERÊNCIAS

BRENNAN, Helena. **The History Of Irish Dance**, Hardcover, 2001.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

GONÇALVES, Claudia. Entrevista concedida a Tamara Delicato. Sorocaba, 10 de dezembro de 2019.

FLYNN, Arthur. **Irish Dance**, Copyrighted Material, 1998.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN C. J. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 1 ed. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

GARCIA, Ângela; HAAS, Aline Nogueira. **Ritmo e Dança**, Editora Ulbra, 2003.

NOGUEIRA, T. O. D. **Dança irlandesa e Laban**. UNISO, 2013.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo, Unesp, 1992.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo, Unesp, 1997.